

ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 10/05/03

O CONSERTO DA ESTRADA  
VILA DOIS RIOS - ILHA GRANDE

A PMAR FAZ O RESTABELECIMENTO DA LIGAÇÃO  
ENTRE A VILA DOIS RIOS E O PORTO DO ABRAÃO.  
A COMUNIDADE AGRADECE O ATENDIMENTO  
À VEREADORA LIA QUE INTERCEDEU NA CAUSA.

**A ESTRADA VOLTA A FUNCIONAR**

A via de transporte que estava intransitável, retorna a sua verdadeira função, tanto para o trânsito de veículos como, também, para as caminhadas de pedestres entre as praias de Dois Rios e Abraão. O serviço foi concluído no dia 23/04/03.

VILA DOIS RIOS, em 04/04/03 - nesta tarde chuvosa o vilarejo inteiro se manifesta para agradecer e apreciar o trabalho das máquinas da companhia de terraplenagem que já chegaram com o serviço nas ruas do povoado situado a mais de 10Km do Porto do Abraão, onde deu-se início no dia 26/03/03 aos reparos da estrada que, foi abatida no dia 21/01/03 por uma pesada chuva, deixando-a intransitável até então, com o pedregulho e a buraqueira que se formou.

Não foi fácil, afirma-me um idôneo morador, referindo-se as formalidades pelas quais receberam o atendimento necessário em Angra dos Reis, para resolver a problemática que tanto vinha atrapalhando a vida de moradores, principalmente, os idosos impossibilitados e crianças de escola. Estes seriam os mais atingidos pela falta de transporte, provocada pelo mau tempo de janeiro, cujo, no manifesto de agradecimento ver-se que está pautado no atendimento

obtido junto a Prefeitura, através de um representante comunitário que procurou o Poder Legislativo, o que resultou no acionamento do Governo Municipal.

- O manifesto:  
" Agradecimentos.

Honrada Vereadora Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Aguiar.  
É com grande satisfação que nos dirigimos



ÍNDICE	PÁGINA
O CONSERTO DA ESTRADA	- 01
A ESCOLA TRADICIONAL	- 02
O NAUFRAGIO DO SALMAN	- 05
HONRA	- 07
AS PALMEIRAS DA COLÔNIA	- 08
A CONTABILIDADE/ASSOCIAÇÃO	- 10
PINTOR DA FALANGE VERMELHA	- 11
ECOMUSEU ILHA GRANDE	- 13
NOITE DE CAOS	- 14

a V. S<sup>a</sup>., hoje, para agradecer o apoio que recebemos, ao intervir a favor da solução para o nosso problema com a estrada daqui desta localidade. Estivemos vivendo um dos piores momentos da vida normal, com a falta de circulação de qualquer tipo de coletivo naqueles dias, isso tinha nos tornado tensos e ansiosos, logo, vimos falar da luta árdua que significa nossa esperança em um lugar melhor. Ela significa a possibilidade de continuarmos a vida em comum num lugar onde nós, nossos filhos e semelhantes, possamos viver em harmonia. Queremos afirmar à Vossa Senhoria a certeza de contar com esta comunidade para o futuro mandato. Deixamos aqui o nosso agradecimento e, reconhecimento do valor inestimável. O nosso muito obrigado, de toda a comunidade da Vila Dois Rios. Em 04/04/2003."

O relatório da comunidade - dá conta de que, nos dias 28 e 29 de janeiro do corrente ano, conseqüentemente após as chuvas fora reunido um grupo de moradores para iniciar uma operação "tapaburaco" na estrada, a começar no trecho próximo da Vila de Abraão. Para aquele local dirigiram-se alguns moradores, entre eles o senhor Pedro dos Santos, Ezequiel, Heleno e outros, lá chegando procuraram auxílio junto ao senhor Administrador do Abraão e, conseguiram reparar com os recursos materiais obtidos uma pequena parte da subida da estrada, mas, as dificuldades eram grandes levando-os ao desânimo e, ao mesmo tempo à uma outra iniciativa de que, a melhor forma seria procurar a Prefeitura e, solicitar o emprego de profissionais técnicos especializados com recursos próprios, como o uso de máquinas pesadas e etc.

Depois de alguns debates no próprio local do trabalho o grupo de moradores tendo a frente o senhor Pedro dos Santos decidiu, pedir orientação ao seu Partido o PT em especial à Vereadora Lia como é conhecida a Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Aguiar desde o seu trabalho na fundação e presidência do Partido do Trabalhador na Cidade de Angra dos Reis.

Foi desta forma que o senhor Pedro dos Santos dirigiu-se à senhora Lia para interceder, como foi, logo por ela marcada a primeira reunião para debater o assunto no âmbito da Prefeitura, cujo, a reunião foi realizada às 13h do dia 14/02/2003, no gabinete da sub-Secretaria de Obras e Saneamento. Para a sessão o senhor Pedro convidou: Ezequiel, Heleno e Guaraci para apreciar e participar em companhia da vereadora. O atendimento foi considerado nota 10 com resultado positivo. Para a comunidade ficou acertado com o senhor representante do Governo Municipal a possível realização da obra necessária na estrada através da contratação dos serviços da "Construtora Vale Sul."

O dia "D" do início das obras que eram urgente, foi bastante atropelado pelas festas. Carnaval e outras realizações motivando novas reuniões que, aconteceram no mesmo local. Na segunda sessão compareceram o Pedro e Ezequiel Ferreira; na terceira o senhor Ezequiel foi substituído pelo Guaraci e como sempre o Pedro dos Santos desta, o senhor representante já trouxe um ofício do Prefeito para o diretor do IEF do setor Ilha Grande sediado na Vila de Abraão solicitando autorização para a construtora retirar saibro em local determinado.

Depois disso consta que fez-se presente o senhor Pedro em outras oportunidades de reunião daquela Casa, já com o objetivo de acompanhamento do processo qualificado como grande interessado no assunto da estrada. Que ganhava o parecer final para a liberação das verbas, que tinham procedência conhecida, como fora o caso dos recursos federais para a recuperação das áreas atingidas pelas chuvas no final do ano passado na região de Angra e município.

Com isso, através deste cruel procedimento o senhor Pedro dos Santos se encarregou quase da exclusividade de representar rigorosamente a Vila Dois Rios entre os moradores presentes em todas as fases do transmitir a palavra legal junto as repartições do Governo Municipal, onde quer que estivesse a papelada da causa para que hoje vêm concluídas as obras num real acontecimento; para o bem de todos e felicidade geral de Dois Rios.

Ontem uma vila arrasada, tem hoje nessas obras uma esperança para o seu futuro como comunidade que, integra em todas as horas o seu município. Os moradores agradecem ao Senhor PREFEITO, vice PREFEITO, Senhor Secretário de Obras e o Senhor Sub Secretário de Obras, cujo esteve presente por diversas vezes aqui na estrada constatando esta veracidade. Também, outras autoridades que trabalharam nesta causa. E, em especial, parte de todo este feito dedicam a Senhora Vereadora Lia que acolheu diretamente em seu Gabinete, esta comunidade em todos os momentos dessa campanha incansável, que travou a frente dos mais amplos interesses, deixou como testemunha real o senhor Pedro dos Santos, morador.



A comunidade, agradece também, ao técnico encarregado das obras da estrada. Senhor Mário e toda sua equipe profissional específica de cada uma das máquinas e auto-carga, conforme se observa nas gravuras ao lado. Na 1ª página.

Nesta página ao alto um trecho do primeiro de clive, depois da primeira ponte.

Ao meio da folha aparece o segundo declive, depois da segunda ponte.

Na parte inferior aparece o trecho próximo a curva da maravilha, terceira gravura.

Quem viu e quem ver com a boa vontade dos técnicos e os motoristas de caçambas, a estrada ficou lisa e completamente plana, precisando agora de um capricho nas valas laterais, para o escoamento da água das chuvas de verão.

O tempo do trajeto entre as duas extremidades da nova estrada, foi confirmado pelo caminhão caçamba dirigido pelo motorista Guaxinim. 15 minutos. Partindo da Vila de Dois Rios carregado com mais ou menos 7 toneladas.

O passeio pela estrada tem sido prazeroso pelos turista que, encontram agora depois das obras prontas toda condição de percorrê-la a pé ou de bicicleta.

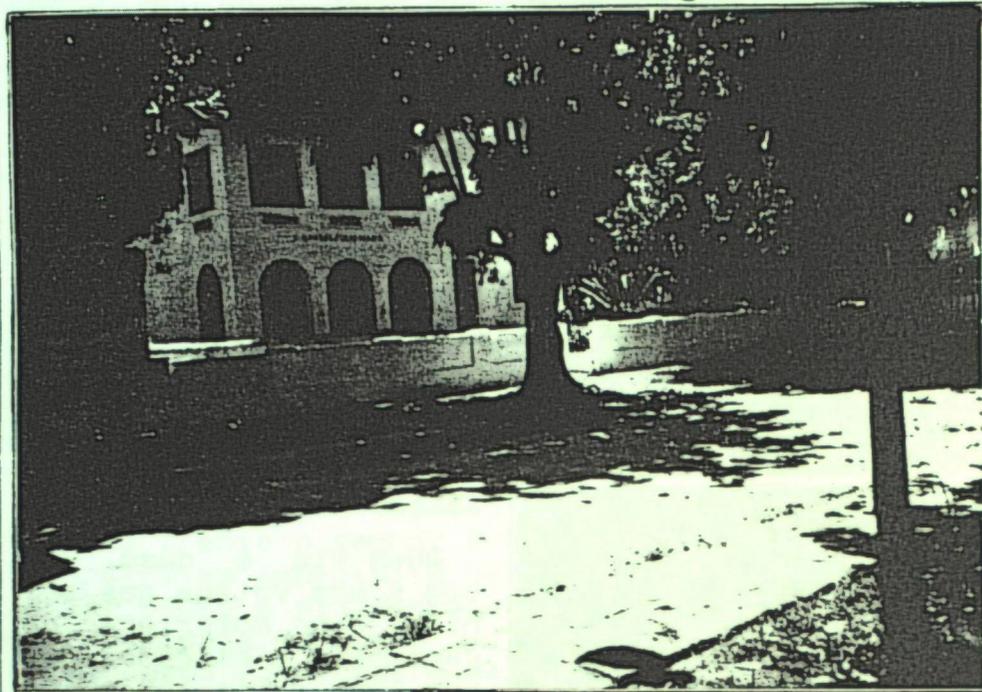
As AULAS, não estavam acontecendo por motivo da estrada, agora esse não é mais a questão, basta colocar qualquer tipo de transporte e atender a educação que merece uma boa dose de dedicação que, foi a prioridade das obras.

A Escola Estadual Padre Júlio Maria

A Escola do nosso bairro.

### ESCOLA TRADICIONAL

A escola primária da Vila Dois Rios, fundada no início do século, no lugar



onde atualmente está sediada a Paróquia Nossa Senhora dos Homens, graças ao idealismo e a petinência do administrador da Vila na época, teve suas atividades iniciadas por volta de 1930, certificando sua primeira turma em 1935, segundo uma ex-aluna, nascida na região do Marvirado em 1919 e atualmente residente no Rio de Janeiro, dona Eduvirgem das Chagas da família de Antônio José das Chagas.

A escola durante muitos anos foi tradicional, responsável pela vinda para Dois Rios de pais de jovens interessados pela alfabetização de seus filhos que eram cursados da primeira a quinta série e recebiam um certificado conclusivo.

Relata que da Freguesia de Santana para cima somente existia a escolarizar, a Escola do Abraão, embora mais antiga, não atraía, como a de Dois Rios, a juventude do Norte da Ilha que, por uma série de fatores, preferia vir para Dois Rios era a Meca dos insulanos (ilhéu) e colocar seus filhos na Escola de Dois Rios era um sonho acalentado por todos os pais.

Nas turmas era grande o número de jovens vindos de todo o lado Nordeste, da Parnaíoca às Palmas, muitos deles, como observamos, fixando-se, após o último ano de escolaridade, com seus pais ao redor de Dois Rios. Como exemplos desses que se fixaram em Dois Rios, dona Eduvirgem cita os nomes de

Ovídio Montenegro morador do Morro de Santo Antônio, de Altino Ventura morador da localidade do Rio Una, de Netário Braz de Almeida morador da localidade de Jaburú, de Alberto Maia morador da localidade de Marvirado, de José Rodrigues morador da localidade de Caixa do Aço, e alguns outros arrolados na conversa ajudada pelo seu filho o Chagas Neto, bisneto que, atualmente é agente penitenciário no Rio de Janeiro, conversamos longamente na portaria da Penitenciária Vicente Piragibe, o assunto da Ilha Grande nos tempos de sua juventude que, honraram com suas presenças marcantes, a enriquecer, de uma maneira importante nossa região, depois foi embo- ra para o Rio de Janeiro e se formou professora de Matemática.

Em 1949 a Escola foi incorporada a Superintendência de Educação do Rio de Janeiro, depois este órgão passou a Secretaria Federal de Educação do Rio de Janeiro melhorando mais ainda o nível educacional da Escola da Vila Dois Rios e, aí aconteceu um fato, a nosso ver, lamentável. Ao contrário da Escola Brigadeiro Nóbrega também de primeiro grau - que ampliou na época, desejando-se a se alferir o ensino ginásial, enquanto a Júlio Maria, mantendo a sua individualidade, é ainda hoje a Escola primária do primeiro seguimento, ficou a dona Eduvirgem sabendo dessa situação e lamentou, e depois deu a sua opinião. Com isso perdeu a escola, estranhamente, sua identidade, disse dona Eduvirgem, como instituição de ensino. Em 1980 quando passou a ser apenas o curso de Alfabetização infantil para o prosseguimento na Escola Brigadeiro Nóbrega da rede municipal de educação, e, pior ainda, sendo, parece que desvinculada das disciplinas básicas e perdendo a ascendência sobre o Primeiro Grau.

Comentando esse fato, citando como exemplos outras escolas do interior do Estado, dona Eduvirgem cofere em seu arquivo ainda muito nítido na memória seu passado, acha que se torna de primeiramente necessidade restaurar a Escola (Continuação na página 07)

O NAUFRÁGIO DO SALMANMORADORES DA VILA DOIS RIOS SOCORRERAM AS VÍTIMAS

VILA DOIS RIOS - Os moradores socorreram as vítimas da escuna "Salman" pelas primeiras horas do dia seguinte que o deixou afundado no Mar da Ponta do Cavalinho. Liderados pelo conhecimento da região Ururai (Loca) como é conhecido um dos moradores e Elienai, os dois habitantes da praia de Dois Rios, começaram pela manhã do dia seguinte uma busca de socorro na região mais próxima do naufrágio, que, misteriosamente, sofreu uma ventania "sul-do-oeste" em agosto do ano 2000, disse um desses moradores.

O Salman foi encontrado tombado no fundo do mar da enseada, na imediação, da ponta mais para o lado sul onde está localizada o Saco da Sardinha, na manhã. Para ver o barco, foi necessário descer a profundidade de aproximadamente 10m acompanhando uma corda presa dentro dele. Somente depois disso, o corpo do homem que morrera a bordo pode ser resgatado.

As análises que foram feitas na embarcação nos dão 40% ou 50% da resposta à questão, concluímos depois



aqui em Dois Rios, em conversa referindo-se ao motivo do afundamento do Salman. A resposta final será recebida quando chegar ao interior da embarcação, analisamos como se fossemos legistas: A proa, destruída por muitas pancadas, foi encontrada uma parte da madeira flutuando, de onde foi resgatado um corpo amarrado. Era de se esperar que o equipamento do "Salman" desse algumas pistas. Mas o barco não tinha aparelhos de navegação e, nem foi informado para os passageiros; se eles existissem, seriam a chave para muitas questões.

A perda do "Salman", o vexame da crescente frota angrense, chocou o município e fez surgirem críticas ao serviço costeiro de fiscalização por não ter interrompido essa viagem para cuidar da segurança dos passageiros.

Em resposta, o Maurício e outros sobreviventes processaram o proprietário do da escuna a qualquer custo em procedimento que foi iniciado na Capitania dos Portos em Angra dos Reis. Quatro corpos foram retirados do mar entre Ponta do Cavalinho e Lopes Mendes, mas, no total 11 homens haviam a bordo do Salman, que passou 25 horas flutuando em águas frias.

**A lotação: SOBREVIVENTES** - Otávio (Tavinho) mestre, fugiu sem prestar socorro ou tentar salvar as vítimas. Senhor Maurício, Elizeu, Josias, Valcir, cabo Paulo e um sargento. **MORTOS** - Wanderley, Beto (ajudante do barco) e mais (02) duas pessoas, cujo o meu informante não sabe dizer o nome, esqueceu, disse simplesmente por falha da memória que parece não querer lembrar o horror do passado.

**QUINZE HORAS DE AGONIA** - No dia 26 de agosto de 2000, às 17h, os 11 homens no convés do barco angrense "Salman", naufragado no mar da Ponta do Cavalinho, destes 01 (um) tripulante e 03 (três) pescadores entre 18 e 06 horas daquela noite, encontraram a morte. Entre eles, o ajudante Beto, o único tripulante autor de um detalhe, encontrado em si sobre a sorte que não lhe tirou o relógio, único instrumento que marcou a hora da tragédia e continua até hoje marcando no fundo do lodo o momento da morte, estava seguro nas pontas dos dedos de uma das mãos, afundando somente no momento do recolhimento do corpo que, encontrava

encontrava-se de pé boiando preso a um pedaço de madeira do barco.

Único resgatado no local do Salman submerso, o corpo do ajudante que por infelicidade era um deficiente físico, revelava um mistério e depois um drama. Mistério por que, segundo os sobreviventes, ele foi incentivado pelo mestre a se atirar n'água com a corda presa na cintura com a missão de nadar para a costeira, subir numa das pedras e prender o barco, o motor não funcionava. Traduzindo o drama: morreu em busca de socorro impossível para salvar toda a lotação, enquanto que a obrigação era própria do mestre, que se preservou, conseguiu sair da água com forças bastante para fugir pela mata, saindo do outro lado atravessando, como um tirano, a Vila Dois Rios, seguindo pela estrada em direção ao Abraão. Os demais sobreviventes foram todos resgatados, provavelmente, com o nível de glicogênio zero ou quase isso se tratando da (fonte de energia extra que o corpo usa em casos de grande estresse) no fígado, músculos e sangue. Todos haviam passado por enorme estresse emocional. São homens treinados, que souberam preparar improvisos encontrados na água e tentaram se comunicar durante toda a noite boiando sem perder a calma.

O que teria acontecido? "Não vamos nos desesperar", descreveu o senhor Maurício demonstrando uma longa esperança de vida. "Não podemos sair mas temos esperanças de ser resgatados. Vamos lutar contra o tempo" gritava para os seus companheiros, acreditou e pedia à Nossa Senhora Aparecida que os tirassem dali, daquela água. Pedia também aos amigos para ter fé.

PELA MANHÃ - No primeiro grupo estavam sobreviventes com sinais grave de rigidez (sem força). Seis deles tinham tais marcas, sendo que em um o rosto havia reaparecido para pedir socorro e no outro a parede abdominal tinha sido congelada. Eles foram a chave do enigma. Havia pouco recurso, mas o equipamento de reaquecimento veio da casa de moradores como: (cobertor, lençol, e roupas, etc.) que as levavam para a beira da praia, eram socorros que preservava a vida com uma carga nas baterias. O senhor Antônio Nicacio o primeiro morador a deparar com alguém pedindo socorro, logo delegou a tarefa à seus remos, em direção ao senhor Maurício, e a notícia levou o povoado para a beira da praia naquela manhã. Um desses homens flagelado pelo destino teria deixado sem força a vida passar

naquele momento na praia, com um palmo de água do mar. O contato com a areia que se viu o corpo sem movimento próprio, estava sendo trazido pelas ondas.

Para os analistas, um dos sobreviventes tentou reter a foça da correnteza se jogando sobre a pedra emergente pela manhã encostada na ilha do meio. Foi ficando até ser resgatado pelas canoas agarrado na pedra. O outro foi encontrado pelos bombeiros próximo ao Lopes Mendes num pedaço de isopor que o próprio mar lhe ofereceu. Por ironia, 11 homens que haviam escapado de afundar no convés junto com a embarcação e do vento contra as pedras, foi morto um em segundos, justamente pelo equipamento que lhe garantiria a sobrevivência outros, três não tiveram sorte, morreram no caminho da salvação.

A PONTA DO CAVALINHO - Por terra através de uma trilha fechadíssima de cerca de 03 Km, e possível chegar ao topo de uma montanha no meio da mata primitiva e água natural. Do outro lado há outra trilha, onde no final fica uma ponta intrometida mar-adentro formando um grande pesqueiro, importante na região, serve como o divisor de cardumes provenientes do mar-aberto.

Quem vem de barco depois de passar por dentro dos costões de duas ilhas (Jorge Grego e Marambaia), chega-se ao Cavalinho, avista logo uma grande pedra de cerca de 50 metros de altura, ideal para pescar de varejo, barco e mergulhadores corajosos. Os adeptos ali param para fisgar os peixes de boa qualidade. Mas o desfrute pesqueiro sem medo pode levar o pescador a tomar vento e ser jogado contra a pedra como aconteceu com o SALMAN, ou se naufragar numa gélida correnteza marinha movida as montanhas de ondas que se formam a partir do mar-aberto.

AVENTUREIROS DO SONHO - Os cabelos alourados, a barba mais ou menos feita e os tenis nos pés não mentiram: Maurício e Elizeu são sobreviventes visitantes do mesmo lugar onde foram salvos no ano 2000. Senhor Maurício e, o senhor Elizeu parecem que aposentaram na idéia do lazer alternativo. O sonho continua 2,5 anos depois de uma tragédia exatamente no dia 26/08/2000. Depois de uma temporada quietos onde residem em Paty de Alferes, aos pouco voltaram ao mesmo local onde foram um dia resgatados do mar na Vila Dois Rios e desta vez eu pude observar melhor que são donos de uma fé-em-comum entre os dois.

Além disso, Maurício e Elizeu, como

são conhecidos, se tornaram ativos integrantes participantes da Associação de Moradores desta localidade, quando vêm à Vila doam algumas importâncias, mas já também não conseguem impendir a paixão da lição do seu santuário a cada dia que passa.

- Poderiam por motivo do incidente cancelar essa região de seu mapa, nos dois anos e meio da história, para esquecer o passado da tragédia. Ela seria melhor esquecida - pelo contrário, sugere o senhor Maurício que, voltou com muita saudade do lugar aqui hoje com o filho Rafael e Duda um (amigo) tomando cerveja na cantina da Vila e batendo papos contara-me, que acredita, que foi Nossa Senhora Aparecida quem o salvou com os filhos e os amigos na noite do naufrágio do barco Salman.

NOSSA SENHORA APARECIDA - Aqui na Vila Dois Rios, hoje, o senhor Maurício ficou sabendo que, a partir de uma certa época passou existir uma Imagem. Depois que a primeira foi levada para o Rio de Janeiro na ocasião da desativação da prisão. No mesmo ano uma outra imagem foi trazida por motivos de um milagre atribuído, assim como pode ter sido esse, caso que aconteceu com o senhor Maurício, Elizeu e os demais sobreviventes do Salman. Considerando a narração dessas pessoas em nada ou muito pouco difere da história de outros grupos de pescador cujo se salvaram pedindo à Santa; não só pedindo entregando-lhe a própria vida.

Esses tipos de salvamento marítimo e outros pormenor aqui na Vila Dois Rios acontece graças a fé na Santa que atu-

almente a sua Imagem é venerada e, são feitas procissões no dia 12 de outubro depois da trasladação da imagem nas casas dos moradores durante uma semana e uma celebração litúrgica na Paróquia da localidade, que marcam o encontro dessas pessoas e o encerramento anual da promessa de pescadores que foram salvos das águas do mar deste lugar.

Em função do nosso visitante Maurício o senhor Júlio de Almeida e sua esposa ganham honras conforme se ver:

#### HONRA

#### CASAL LEVA ACHADO AO DONO

VILA DOIS RIOS, ILHA GRANDE - Uma senhora de meia idade encontrou na quarta-feira da segunda semana de fevereiro de 2003, dia 12 às 7h da manhã uma importância na ordem de R\$ 426,00 perdidos em local da rua próxima ao antigo campo de futebol, enquanto caminhava para o trabalho no CEADS, segundo informou hoje o senhor Maurício que, encontrou-se a passeio nesta localidade. O senhor visitante disse que o dinheiro havia sido perdido quando ia para a praia muito cedo. A mulher levou o dinheiro para o marido que, avisou ao dono depois da notícia. O proprietário quis saber deles qual seria a melhor maneira de recompensá-los. O honrado casal surpreendeu o dono solicitando um simples aperto-de-mãos. Foram atendidos e ganharam de bonificação R\$ 50,00 e um amigo para enriquecer mais ainda a história deste lugar através do casal Júlio de Almeida (69 anos) e Zinda Conceição Ferreira (48 anos). Obrigado senhores.

(Continuação da página 04) - texto Escola Tradicional.

e implantar o curso completo da primeira a oitava série, deixando o jovem aluno as portas do 2º grau que pode ser feito com o duplo objetivo de contribuir para o desenvolvimento dos jovens nos demais cursos dos grandes centros. Observa-se que nos primários do curso do primeiro seguimento, os alunos representantes da Júlio Maria, com frequência vão ter dificuldade, tratam de assuntos de que não entendem ou seja não foram preparados para a escola de hoje, moderna, ou que estão fora de sua competência, em sacrifício de superficializar-se naquilo que lhe diz respeito e que, por outro lado, a complexidade dos problemas que envolvem o Curso Ginasial, hoje diz-se básico, bloqueia o desenvolvimento dos outros cursos integrantes da Escola Se-

gundária, do Abraão por exemplo ou em qualquer lugar. Aí vem a repetência ou até mesmo a desistência do aluno com o medo da sala de aula que ele não entende a matéria. Essa opinião é compartilhada por outros expoentes da sua classe de professor e por categorizados profissionais, entre eles o prof. Manoel Caetano de Barros que, acompanhava a dona Eduvirgem Chagas, por várias vezes, fez declarações semelhantes.

Muito obrigado dona Eduvirgem, prof. Manoel Caetano pelas evidências que vocês acrescentaram as minhas, e que eu, sem pedir autorização, incorporei a nossa conversa nesta crônica e lhes envio um caderno desta edição.

Parabéns pela sábia dedicação, de letrados muitos anos de vida, Eduvirgem.

## AS PALMEIRAS DA COLÔNIA

Um alto-falante grita o horário dos presos embarcar nos caminhões e ônibus; microônibus, toyota e jipe polícia e guarda, de uma forma que se entende somente o final das palavras ou

doido. Não sei se começo a gritar ou desisto de falar, até, que um policial militar de cor negra com crachá, cheio de condecorações e de medalhas que, afixadas no peito, cintilavam e faiscavam a ponto de encandear quem se encontrava próximo se apiedada minha sorte e me conduz a uma viatura um pouco mais distante da loucura vigente.

Não ia muito longe até a chegada da rendição, que no seu ritmo próprio, calmo e abençoado, me tira daquela ilusão diabólica de tempo e de cansaço. Entreguei as chaves de todos os portões e de todas as galerias ao senhor diretor, este por sua vez repassou instantâneo ao senhor vice-diretor geral, Cel. Enéias Quintal friamente chegava ao final do DESIPE na Ilha grande.

A tranquilidade e a ma-

gestade do prédio do Cadeião me emocionava com sua fachada de conto de fadas olhando-nos lá da ponta do pátio.

Foram cinco ou seis minutos contemplando o deslubrimento pela última vez, até desembocar na saída das palmeiras. Passamos por debaixo das copas das árvores, dos coqueiros e obrigatoriamente das palmeiras centenárias com as cracas e parasitas pegando nos seus pés. Dir-se-ia um pavão suntuoso- com

o eco de algumas delas. Os poucos presos iam se amontoando no pátio perto do portão do cinema, mais ou menos duzentos, a espera do último embarque ou vem o chamado com atenção, como se o locutor estivesse lendo a notícia do dia na primeira página de um alvará de liberdade, uma página de um matutino ou mesmo tendo uma discursão definitiva com a patroa em casa do outro lado da parede.

Lá do terceiro andar do prédio central via-se de frente aos bancos petrificados do pátio da enfermaria por cima dos telhados, numa fila indiana sempre paradas palmeiras e coqueiros balançando lá fora a todo instante: É hoje, é hoje - pareciam falar. É hoje! É agora? É agora, é? ... agora. A-ca-bou!!! Sai às 8h. Anunciou mais uma vez.

Enlouquecido, procuro um lugar que avista o cortejo daquela tropa encostar na porta do cinema.

Desço descontentado do prédio, vejo algemado na mão; o homem tenta em vão me libertar daquele hospício. Ao som da carruagem junta-se o barulho das descargas pegando fogo, estourando e o de muitos motores que sacode os meus nervos em ritmo



com pés toscos disfarçados em confortáveis sapatas. Paro a vista à observar o lugar da Maria Gorda, o não! não é mais o suntuoso baobá plantado em 1734. Por que ela era tão gorda? E não tão alta - perguntei-me, o guarda - da Prisão da Ilha Grande acompanhando os presos para o Rio de Janeiro cujo, ele mesmo nem sabia por que estava ali diante daquelas palmeiras tão altas, no lugar das mais gordas árvores que morreram muito cedo não se aclimataram deixando o lugar para as Palmeiras Imperiais da Princesa Isabel plantadas marcando o fim de uma escravidão nas fazendas, marcaram uma era e continuam marcando, uma nova era, nem parece vegetal parece obra de arte que está ali enfeitando a Colônia.

- Ora, Deus! Se a gente começa a morrer com 40 anos, imagina com 260!

Bem não havia saído da alameda aconchegante das Palmeiras da Colônia, aladeado por enormes troncos redondos, com vista desenhada pela mata que cercas; tiro o relógio e procuro adaptar-me ao verdadeiro tempo descompromissado e generoso, pois já havia terminado a missão, a de entregar os prisioneiros para o embarque último que cerrava os portões das prisões da Ilha Grande.

Regredindo em velhas lembranças de infância (não exatamente), mas de livros de viagem em ilhas verdes perdidas, passeio pela orla só minha aquela hora como um caçador silvestre de calças velhas e camiseta rasgada de 1700 e, sem resistir ao chamado do passado, fico ali parado no banco do ônibus pequeno olhando o mato passar rodando a minha volta, numas das raras paisagens do mundo e devoro duas monstruosas palmeiras arranhando os céus com

as suas grandes folhas, em forma palmeada situadas no épice que, como os camponeses, me conduzem a um estado pré-culpa católica de colégio de padre, quando ainda em minha leitura pertencia ao Todo, antes de despencar, como



aquelas folhas, da copa das palmeiras, com cacho e canoa vinham à minha cabeça fustigar-me.

A fileira de carro, o barulho e o mistério que envolvem um bairro do Rio de Janeiro deixa doido um ser dum bairro-ilha, quase o meu caso e me remetem do paraíso das Palmeiras Centenárias ao inferno e do inferno ao paraíso perdido da infância com sua vegetação abundante cheio de palmeiras e seu cheiro farto de frutas maduras e o colorido berrante de suas flores.

Sentindo um cansaço imensamente real pego numa sonolência com dois ou três carros a minha frente e rumo à casa de Almerinda da Silva numa viagem regressiva a um tempo perdido que vai, pouco a pouco, se recuperando numa surpreendente delicadeza e inocência. Ninguém na estrada de terra batida nesta quinta-feira de sol fraco, última do mês de abril de 1994. Deixamos as Palmeiras para trás, lá fomos nós, os presos peiados para não fugir na mata de tantas palmeiras.

Palmeira é a palavra que sempre falamos mais. As razões para isso são fáceis de saber exatamente, pois, muitas vezes, não damos preferência a qualquer outra referência se não que propriamente a palavra fornece: "lá nas palmeiras" o carro ... .. ou está lá nas palmeiras. Sentido familiar.





O PINTOR DA FALANGE VERMELHA

A OUTRA

Pintada em carne e osso pelo INTERNO CAROÇO no interior da Penitenciária Cândido Mendes - DESIPE-CM.

Caroço. Sua luta contra o mundo na prisão, afogava na arte, desde a pintura até a escultura, era o seu arcabouço do teor simbolista (juntava, colava, grudava) tudo o que via, as diversas passagens ou vidas que tiveram fim martírio na cadeia da Ilha Grande, de

tal modo que provoca essa desejada unificação de uma só atividade e de um só trabalho que para ele parecia representar a vida e a morte. As peças que ele produzia concebiam a fuga da realidade, com tudo, a essa exclusividade de ângulo porque o interno (pintor) revela ter o dom onisciente de ser dono de suas criaturas, levando suas personagens a esta ou aquela posição e conquistando, com isso, a verdade da ação. Ou a verdade da ficção. aplacando a exasperação do cárcere, momentaneamente de funcionários e, prisioneiros inquietos, como era nos anos oitenta o grupo da Falange Vermelha no interior do CM.

Na sua luta contra o mundo, o Interno Caroço teve grande valia, por que chamava para si naquele momento toda a atenção, enquanto se trabalhava debaixo da rotulação em que se estava formando lá fora. Só o comando do CRI (Clube Recreativo dos Internos) buscava fugir ao controle do pintor, com suas encomendas exageradas. A descrição a que lhe era pedida: de um quadro a "Outra", eram vários quadros, para o interno Rogério Lemgruber, uma coleção a que o acompanhava desde a infância, abre a obra que prossegue numa série de evoluções, que passam pela menina "Tonha" vivendo em casa de mulheres, uma meiguice que tinha o costume de dizer: "em terra de cego quem tem um olho é rei, pode ser até no meio da testa, mas é considerado o rei. Ou, em mulher bonita, não há quem nela não acredite." Cristina Sabatela era o famoso nome dela no meio do cárcere "Tonha". Uma menina filha de um interno colono-livre, da ex-Colônia Penal na Vila de Dois Rios. Cristina um temor

que tinha a voz tenor: Aguda como ela só, e profunda. Abafada e sanhada. Só usava saia plissada e sandália, deixando os pés bem a mostra, como tática de guerrilha. O pai era barbeiro. Neta do sapateiro da cadeia. Da mãe Lindalva herdou a cara e o corpo inteiro, coisa



rara. Assim era a rainha da cadeia que mereceu ser pintada de carne e osso, quando lá da galeria ela vinha pela trilha da escada e sorria. E não havia quem com ela não ia conversar. Não faltava a um Jupirão a (festa mais cobiçada do cárcere). De boca crua e nua, na ala do cárcere, nos fundos da galeria das piranhas. Se tornou menina remediada que sofreu nessa vida. Coragem nobre. Teu réu, ocultou-se no véu. Noventa dias depois ela depôs para o seu apaixonado e o cara foi julgado a mando do Rogerão.- Assim, o réu apresenta-se, descabidamente ao tribunal do júri da Falange Vermelha conduzido por dois outros internos. Sentado no banco dos réus, junto ao advogado que, também tinha direito, só que cedido pelo este do maior do CRI, cujos honorários ele não podia pagar, era caro de mais, deixa a velha bengala, da qual jamais se separou, repousar sobre a coxa da perna que lhe faltava a esquerda do tronco, a mesma que o fazia pesarosamente manco, as outras peças do vestuário ficaram na mancebo improvisado numa cela na outra ala "B" da galeria.

- Em seus trinta e oito anos de idade jamais estivera em um tribunal injusto. Era réu sem esse precedente que se dizia nos autos - primário por acusação de estupro. Em sua defesa ninguém por ali, nada tinha para apresentar. A mulher dizia-se de passagem no cárcere, auxente naquele momento Cristina Sabatela que o acusava está ali representada pelo seu apaixonado, ajuntou testemunhas pelo mundo afora, para não dizer ao contrário, dentro da corte como se fosse Saddam Hussein antes da queda, que o auxiliavam, enquanto que o homem sozinho no mundo na condição de réu, jamais pode contar com tal ajuda. So se fosse na terra buscar uma. Agora mesmo que perdeu a pena numa trombada na estação sem poder ver nada, nunca mais.

Dizia-se ser inocente. Entretanto sua voz ali dentro estava só, solta no vento contra dezenas de outras vozes a acusarem-no.

Naquele tribunal não havia ninguém que o reconhecesse naquele momento, com exceção de seu falso advogado, que afirmava coisa por coisa, cuja fama vinha de longe, ninguém ousava defendê-lo. Com o semblante calmo (quase todos os réus desse tipo de julgamento se entregam a barba ridade, enquanto que todos os reus demonstram estar tranquilos), ouvia as acusações lançadas contra a sua pessoa.

Foi numa plena tarde de verão carioca que tudo aconteceu...

Ele, sentado num banco do acesso à casa de família da beira da favela, aguardava o passar das horas. Ela, no auge dos seus treze anos, para desfrutar o fim daquele dia quente, corria de forma cadenciada na Praça Cavalo de Aço no bairro do mesmo nome. Semidescoberto seu corpo exalava femininidade.

Os minutos corriam e, muitos moradores já se dirigem para lugar qualquer. Eles permaneciam ali. Ele, estático, paralizado no tempo com o cheiro dela, ela repetindo movimentos aeróbicos e de alongamentos e, Rogerinho lá longe observava tudo morrendo de ciúme. Quando ela parou, foi sentar-se ao lado do Tiãozinho. A quietude do ambiente e a quase solidão de ambos tornavam possível ouvir as batidas ritmadas do coração que animava aquele corpo de menina mulher.

Depois de breve conversação, ele a pega pelo braço e saem. Foi nessa tarde que teve início o seu inferno.

Era massacrado pelas declarações das testemunhas e pelo discurso do promotor comprado. Seu crime? Estupro. Um dos mais violentos do mandamento.

Inquirido o acusante (no lugar dela) não poupou palavras para denegrí-lo. As suas afirmações eram agudas formas contra aquele homem que, de forma tão violenta, abusara da sua amada com sua fragilidade feminina.

Todos os presentes ouviam-na profundamente chocados na palavra do seu representante.

Ele permanecia no mais absoluto si-



lêncio. Não fosse ali um tribunal do júri de torturas, seria linchado agora mesmo até a morte.

Depois das inquirições as testemunhas, (falsas também), e a acusante auxente, o promotor falso lembra a condição desse homem solitário, desprezado pela maioria, digno de piedade e, por isso mesmo, astuto autor de crime bárbaro como esse. Razão por que pediu sua condenação a morte.

Por sua vez o advogado de defesa, embora sendo arrumado, depois de relembrar os fatos ocorridos naquela tarde, como foi narrado por todas as testemunhas que se diziam, e a detalhada descrição da acusante, quando esta encontrou aquele homem sentado no banquinho de madeira do quarteirão do bairro, como ele a segurou pelo braço, a dificuldade do percurso até o local onde tudo se consumou, o que foi totalmente confirmado pelo réu, concluiu:

- Só uma questão ainda permanece sem resposta: quem conduziu o ceguinho? Além disso mutilado. Não teve apelação. Foi morto como um rato.

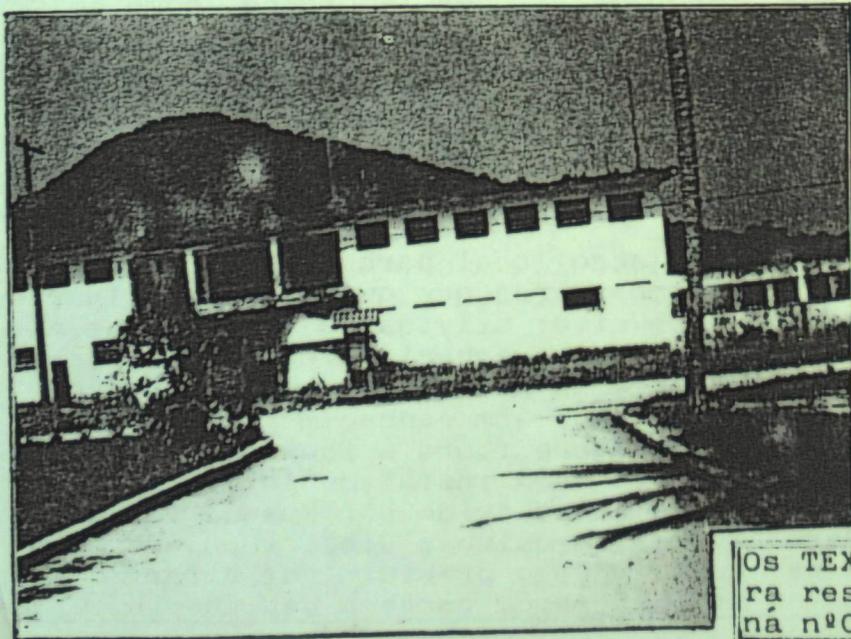
E, essa moça tendo sua temporada no cubículo da primeira galeria, onde os quadros seus foram feitos secretamente desnudo. Na medida em que a pintura ca minhava, mais o clima se inflamava e o pesadelo se acentuava, com o autor uti lizando a gravura numa espécie de se gunda tomada de consciencia do traba lho como obra de arte. Houve época as sistindo a personagem da novela das oi to horas, recordava a coleção de qua dros que foi pintados com o nome "Ou tra" para o vulgo Bagulhão expor em sua cela, última no prédio anexo, jus tamente a penultima da 3ª galeria e, que ainda conserva-se de pé, resistiu a implosão, encontra-se lá para quem desejar vê-lá amanhã, mesmo, menos os quadros, cujo, foram destruídos no mo mento em que esse interno foi removido para outra prisão, o B1 (Presídio Ban gu 1) em 1989, por ordem do senhor Mo reira Franco no governo do Estado.

O tipo de pintura do Interno Caroço ou de escultura, (de peça de madeira e massa, de coleção personificada) pouco interessava naquele momento de suma desprezível. O impotante é que, na sua categoria, isto é, no terreno que o in divíduo imaginava mais do que via, o próprio pintor desejava situar-se, com isso atingia a obra a largueza que se exige de qualquer artista (ato de comu nicação através de seu trabalho), o que atualmente seria de grande valia para o acervo do futuro Museu do Cárcere. Ha via na cadeia da Ilha Grande outros trabalhos de outros internos, alguns

deles violentos, aqueles que sai dizen do coisas, afirmando, gritando - havia os que sugeriam, punham um gesto de mú sica de câmara no traço. Caroço uni aos dois caminhos, numa mesma obra violenta e, contudo, com toques de ironia, uma irinia longinqua, leve, quase inesisten te, quase impensada, mas presente num toque de pincel de quem pede desculpas e lamenta que a figura seja o que são, as coisas tenham os aspectos que têm, isto aconteceu com os quadros as vidas da "Outra" levantava, para o olhar que sentia o prazer da naturalidade feita de tinta, o problema do primado da conceção na arte de pintar vida e morte.

Consagrou-se aí no meio carcerário com esses quadros de a "Outra" co mo pintor da Falange Vermelha, talvez, por imposição do Clube Recreativo dos Internos (CRI), composto de uma direto ria de grandes traficantes da época e assaltante a mão-armada, enquadrados na "LSN" Lei de Segurança Nacional. Como o próprio Rogério Lemgruber, o Escadinha, William da Silva Lima e muitos outros. Afinal de contas eu estou falando do sujeito chamado Caroço. Da sua sabedori a na arte de pintar, para quem traba lhava e por que: foi escolhido por que tinha a técnica com ensaios aos seus opressores. Como pinturas, como escul turas, daí em diante só parando quando o material lhe faltou, ficando escasso por aqui: A técnica com que pintava seus quadros e fazia suas peças, sobe java a originalidade, seja apenas manu ceio que busque um toque final. Amém.

### Eco-Museu Ilha Grande



Este nome EcoMuseu é um Projeto pronto em março de 2002 pela Prof. Myrian Sepúveda dos Santos do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e uma Equipe composta de quinze outros professores que esboçaram o Museu do Carcere e o Museu do Meio-Ambiente, ambos depende de atividade de Infra-Estrutura, recuperação de trilhas e arredores, restauração do conjunto arquitetônico, iluminação, sinalização, preservação e manutenção do acervo exposições e produção cinematográfica. Cont. na pag. seguinte.

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - São da inteira responsabilidade de Hotair, rua Paraná nº09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ

## NOITE DE CÃOS

O telefone toca, ouço do outro lado da linha a vozinha dizer que, "agora acabou a estrada da Vila Dois Rios, não temos mais saída nem entrada para os carros. A chuva não para arrasou tudo", 25/01/03. A chuva que caiu na Ilha Grande nesta noite, deixou a comunidade da Vila isolada, parece que para sempre, pois sem máquinas nada se reconstrói neste momento. Conclui-se que só se a adversidade provocar a unidade pela união de todos, se não nada feito. A utopia recebe um basta em seu lugar, mas sempre a desejada unidade original é o essencial, que apelamos como um chamado ou um grito primal, na consciência de todo ser humano pela sensação de plenitude, a que pode reconstruí-la.

A pequena estrada faz selar: - emudecer, calar as pessoas -, ou fará selar um pacto com sangue; ou o seu próprio testamento terminal. Se essa unidade não se formar em paz, essa inércia precisa existir para sempre. É um outro problema que se propõe. O fato é que nós, que somos os bípedes pensantes, todos temos certeza, estejamos sempre em busca de outra unidade final, forçada ou não, essa unidade presta de um mundo em começo, talvez ancorado na fidelidade. E, que sirva de exemplo à infância e a juventude, mas, que não escape como areia entre os dedos, e não fica a ver ..., enquanto rouxinol cantam no ar a sua língua.

És um grito, um exemplo de ordem, ou um exemplo desta desordem que intenta ser ordem. Chega a noite dorme sem dor. Quem te escuta, talvez não se dê conta do natural acorde com que brindas teu lugar no teu mundo. Siga e cantas porque este é o teu itinerário. Vejo passar os tempos que revoam, e bailam nas encostas, aí num toque ceciliano depois de teus encontros de afinidades que nos deixam saudade.

Ao concerto de vozes de pássaros ou-

ço os ecos cabralinos e drumondianos de leituras pretéritas quieto num canto qualquer da Vila; onde os pássaros cantam a sede que os dominam sem perceberem, que quanto mais exercem seus ofícios mais sedentos ficam ou a aparência, me engana; é vã e vaga a impressão visível que carregas. E, ensina tua arte que resta intácta, e te supera de sabedoria.

Minha saudade é a passagem veloz e voraz da chuva avassaladora. Arranca-me a metáfora: da arte, da poesia e da vida, desde grandes criaturas ao pequenino pássaro que, no mundo onde estão todas as fontes bebe a água que miras, e, a que tentas colhêr, não são estas mesmas águas que rolam, e craveja a estrada profundamente num mover-se contínuo. Retorna mansamente em minha colhida, em bicada que comanda a sede.

A angústia que traz-me a passagem voraz das chuvas nesta noite tão turva, que nem o tuiuiu se arriscaria mudar o passo, fica e decide por firmar-se na imobilidade, enquanto um homem mantém-se na mobilidade do cotidiano, e resolve ainda pelo canto da poesia, que vem da chuva vem da fonte...

Do seu fio da voz nasce o vento sobre os escombros e recompõe os meus ouvidos.

Perpassam no ar uns longes proféticos, lidos na infância e nunca mais esquecidos.

- Como exemplo para simples comparação da Vila Dois Rios nestes dias de isolamento total, após as chuvas das noites: 25, 26, e 27 do mês 01 de 2003.

- Trouxe porto submerso, e o cais, a que chega a nau deste soluço reflexivo a que os versos dão-lhes corpos, forma na âncora de harmonizar em poesia minha visão deste cão existencial; um grito ficou-me fixo na lembrança, como em Cabral o "Grito Primal" da era das naus a vela. Movidas no vento.

### Continuação da página 13 - texto referente ao Museu.

E, que encontra-se sob supervisão direta da sub-reitoria de pós-graduação e pesquisa que, associado aos diversos outros projetos contam com financiamento de agências formadoras nacionais e internacionais para colocar em prática a iniciativa.

O visitante vai poder contar com núcleo de informação localizado no prédio do Casarão na Vila do Abraão. Para atender esta necessidade o EcoMuseu se encarregará de oferecer cursos para a

população local para a formação daqueles moradores que quiserem trabalhar e desenvolver atividades com plantas, animais, guias especializados na história local e na história do antigo presídio, guias com conhecimento especializados sobre flora e fauna. O Museu do Cárcere será instalado no local do Presídio constituído por Museu, Parque de Ruínas, Arquivo e Biblioteca. De modo que o antigo presídio vai virar museu com sua maior parte a céu aberto.